

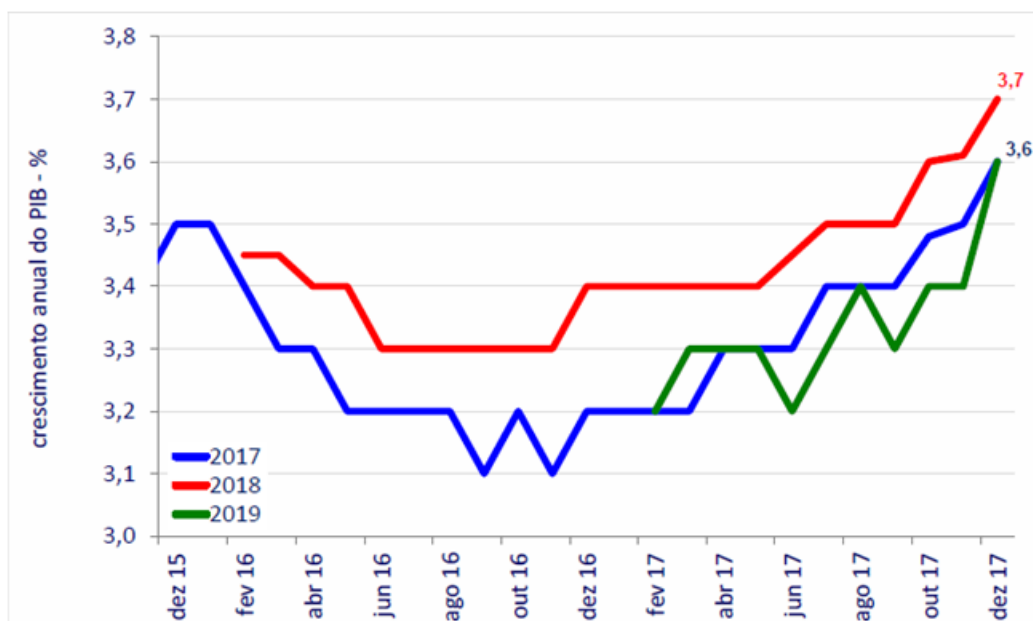
COMENTÁRIO ECONÔMICO

Análise de 2017 e projeções para 2018

Após alguns períodos de decepção no campo econômico, 2017 termina caracterizado por ser um ponto de inflexão, com o conjunto de indicadores econômicos melhores e com perspectiva mais positiva do que nos últimos 3 anos. O ano de 2017 encerra com a economia brasileira crescendo de forma gradual, puxada pela agropecuária, pelo lado da oferta, e com a volta do crescimento no consumo das famílias e com expansão das exportações pelo lado da demanda. Além disso, observa-se o IPCA encerrando o ano abaixo dos 3%, algo inédito para o padrão brasileiro. Isso em razão, sobretudo, da recessão dos últimos anos, que somente agora atingiu com mais força os preços dos serviços, e pela deflação do grupo de alimentos e bebidas, que tem peso relevante no IPCA. Por isso, a taxa Selic encerrou 2017 em 7 ao ano, também alcançou o piso histórico, fato bastante para o lado real da economia e seus efeitos ainda serão sentidos nos próximos anos na parte real da economia. De resto, agregando-se a esses dados positivos de crescimento e inflação, ressalta-se que os dados do setor externo estão positivos, limitando variações bruscas da taxa de câmbio, preço extremamente relevante para a política econômica brasileira, e os dados do crédito, mostram que os empréstimos estão sendo retomados, em especial, pelo processo de desalavancagem e pela retomada do crescimento. Todavia, cabe ressaltar que o emprego ainda não está crescendo de forma favorável, pois a taxa de desemprego continua em nível bastante alto (mais de 12%) e dados do setor fiscal brasileiro são bastante ruins e com tendência negativa no curto prazo, o que nos levar a uma nova queda na nota de classificação de risco, levando a uma desconfiança maior em relação ao Brasil e, por consequência, reduzindo o aporte de recursos financeiros no país.

Quanto ao quadro internacional, viu-se a continuidade de um quadro ainda benigno, com aumento nas estimativas de crescimento (revisões para cima nas últimas semanas), sendo favorável para o Brasil aproveitar as oportunidades advindas do exterior. Destaque, **nos EUA**, para a Reforma tributária (forte corte de impostos), que pode impulsionar a economia em 2018. No entanto, resulta em aumento da dívida pública (problema no futuro, não nesse instante). Além disso, viu-se que a inflação manteve-se estável nos Estados Unidos e que o Federal Reserve (Fed, Banco Central do EUA) elevou a taxa de juros básica pela terceira vez em 2017, levando o indicador para a faixa entre 1,25% e 1,5% ao ano. No comunicado, a autoridade monetária informou que o mercado de trabalho continuou melhorando e a atividade cresceu a uma taxa robusta. Para 2018, a tendência é que o FED siga elevando a taxa, com o dólar tende a se apreciar frente às moedas emergentes. Na Zona do Euro, observou-se que o crescimento foi influenciado positivamente pelo aumento da demanda externa e política fiscal menos rígida. Por isso, nesse cenário de melhora econômica, o Banco Central Europeu (BCE) tende a fazer o ajuste monetário de forma gradual e deve elevar a taxa de juros em 2019. No caso da **China**, estima-se que crescimento continuará na faixa dos 6%, dado que o modelo de crescimento ainda é via investimentos e setor externo, mas com lenta mudança para uma expansão mais relacionada com o consumo. Isto é, o país não quer desacelerar ainda mais seu crescimento nesse instante, o que mantém um quadro favorável para os países emergentes, produtores e exportadores de commodities, como é caso do Brasil, para 2018. Em suma, o cenário internacional permanece favorável, com expectativa de crescimento 3,7% da atividade global em 2018 (ver gráfico 1) e ainda com elevada liquidez financeira, tendendo a continuar favorecendo os países emergentes.

Gráfico 1 – Perspectiva de crescimento global



Fonte: Banco Central (RTI de dezembro/17)

Em relação ao futuro, são feitas algumas considerações sobre as expectativas para 2018 para as principais variáveis macroeconômicas, seguindo na avaliação das mudanças das expectativas coletadas no Relatório Focus do Banco Central e fechando com as considerações finais sobre o cenário.

Para 2018, então, espera-se bom desempenho da **atividade Econômica**. Pelo lado da demanda, estima-se crescimento liderado pelo consumo em razão da melhora do mercado de trabalho, das condições de crédito e da confiança do consumidor. Além disso, a atividade de 2018 tende a continuar favorecida pela performance recente no ânimo dos consumidores, que reflete mais a queda da taxa de juros, a inflação menor e a redução do endividamento, permitindo as famílias fazerem novos empréstimos. Assim, projeta-se continuidade na moderação do crescimento dos bens não duráveis e retomada dos bens duráveis, mais relacionados ao crédito e a taxa de juros. Também prevê-se leve recuperação dos investimentos, dado que NUCI está 10 p.p. abaixo da média histórica, o que limita a expansão. Teremos também menor contribuição do governo e das exportações. Do lado da oferta, espera-se a indústria liderando o crescimento. No caso da Agropecuária, destaque em 2017, provavelmente fechando o ano com expansão de mais de 12%, as estimativas são divergentes. Ou seja, há instituições esperando continuidade no desempenho positivo e outras esperando performance negativa. Para a taxa de **taxa de câmbio** projeta-se que a variável fique próxima dos patamares atuais, algo em torno de R\$/US\$ 3,30, mas com elevada volatilidade dadas as mudanças no ambiente internacional e o período de incerteza eleitoral no Brasil. No caso da **Selic**, existem divergências nas estimativas. Parte do mercado acredita que o Banco Central vai reduzir a taxa de juros em 6,75% em fevereiro/18 (fim do ciclo de flexibilização) e manter a taxa até o fim do ano. Todavia, já há casas apostando que taxa de juros voltaria a subir a partir do segundo semestre de 2018, levando a taxa Selic para 8% ao ano. Isso, supondo que a economia retome a atividade econômica mais rapidamente. Para a inflação, a estimativa é de que o IPCA fique próximo ao centro da meta, mas com os preços dos alimentos aumentando em 2018. Ademais, espera-se que a diminuição do hiato do produto possa começar a pressionar a inflação e que preços administrados tendem a continuar em elevação, em especial, pela alta das tarifas de energia elétrica.

Por fim, foca-se nas mudanças das estimativas para as variáveis macroeconômicas vistas nos Relatórios Focus de cada final de trimestre, o que pode ser observado nas tabelas 1 e 2. Na tabela 1, observa-se que as estimativas para a taxa Selic foram mantidas em 7% ao ano, valor que foi realizado, dado que o Banco Central na sua última reunião em dezembro optou reduzir a taxa de juros em 0,5 p.p., levando a Selic para o menor nível da série histórica. Já as estimativas para o IPCA recuaram novamente na comparação trimestral. De setembro para dezembro, o índice esperado passou de 2,97% para 2,78%. Porém, vale ressaltar que nem tudo foi positivo para a inflação em 2017. Isso porque os preços administrados passaram de uma projeção de 6,5% no 3T17 para 7,86% 4T17. Na mesma comparação trimestral, o PIB foi revisto para cima. O crescimento esperado do PIB em 2017 passou de 0,68% em setembro para 0,98% em dezembro. Da mesma maneira, a expansão projetada da produção industrial passou de 1,05% no fim do 3T17 para 2,03% no encerramento do 4T17. Por fim, nas estimativas para 2017, cabe ainda destacar que os dados do setor externo mostraram-se positivos e os do setor fiscal, visualizando na tabela 1 o indicador Dívida Líquida do Setor Público em percentual do PIB, na visão do mercado financeiro, piora ao longo dos trimestres desde 2015, passando o indicador da faixa dos 40% para mais de 50% do PIB.

Tabela 1 – Relatório Focus do Banco Central – Expectativas para 2017

Indicadores	dez-15	mar-16	jun-16	set-16	dez-16	mar-17	jun-17	set-17	dez-17
IPCA (%)	5,20	6,00	5,50	5,07	4,87	4,12	3,46	2,97	2,78
IGP-DI (%)	5,30	5,50	5,58	5,50	5,13	4,20	0,34	-0,94	-0,47
IGP-M (%)	5,20	5,50	5,63	5,50	5,08	4,51	0,58	-0,84	-0,76
IPC-Fipe (%)	5,00	5,50	5,50	5,12	5,19	3,96	3,42	2,48	2,14
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	4,20	4,20	3,80	3,30	3,48	3,28	3,35	3,16	3,30
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	4,10	4,17	3,74	3,36	3,40	3,18	3,26	3,17	3,20
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	12,50	12,50	11,00	11,00	10,25	9,00	8,50	7,00	7,00
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	12,85	12,79	11,67	11,77	11,56	10,41	10,22	9,84	9,84
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	41,40	45,90	47,95	49,50	50,74	51,70	51,53	52,15	52,20
PIB (% de crescimento)	1,00	0,35	1,00	1,30	0,50	0,47	0,39	0,68	0,98
Produção Industrial (% de crescimento)	2,00	0,85	0,80	1,10	0,88	1,22	0,66	1,05	2,03
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-32,00	-18,20	-12,00	-25,00	-25,35	-26,00	-22,00	-15,00	-10,00
Balança Comercial (US\$ bilhões)	35,00	47,50	50,00	45,92	46,98	49,50	58,75	62,00	66,00
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	60,00	55,25	60,00	65,00	70,00	73,50	75,00	75,00	80,00
Preços Administrados (%)	5,50	5,50	5,50	5,50	5,54	5,50	5,10	6,50	7,86

Fonte: Banco Central

Notas: ⁽¹⁾ dados coletados do Relatório Focus no fim de cada mês. ⁽²⁾ Em dezembro/17, o dado foi coletado no dia 22/12. ⁽³⁾ As cores na tabela indicam mudança nas expectativas do mercado, para melhor (verde), para pior (vermelho).

Da mesma maneira, na tabela 2, observa-se para 2018, revisões de estimativas. Para o próximo ano, os analistas consultados pelo Banco Central, estimam que a Selic esteja em 6,75% ao ano no fim de 2018, ante 7% previsto em setembro. Todavia, cabe enfatizar que já existem apostas de elevação da taxa de juros a partir do segundo semestre de 2018. Isso porque espera-se que a economia esteja crescendo de forma mais acelerada e o Banco Central começaria a agir de modo levar a taxa de juros para o que ele considera de nível neutro, dado que hoje, segundo a autoridade monetária, a taxa de juros estaria abaixo da nível neutro e faz sentido estar assim pela queda da inflação e fraqueza da economia brasileira, com elevada ociosidade da atividade econômica e alto patamar de desemprego. Para a inflação, as estimativas foram modificadas para baixo na comparação trimestral. O IPCA esperado passou de 4,08% em setembro/17 para 3,96% em dezembro. O crescimento projetado do PIB, na mesma comparação, passou de 2,30% para 2,68%. Na mesma linha, a expansão prevista da produção industrial foi de 2,40% no 3T17 para 2,98% no 4T17. E do mesmo modo que em 2017, as contas externas projetados seguem positiva para 2018 e do setor fiscal complicadas.

Tabela 2 – Relatório Focus do Banco Central – Expectativas para 2018

Indicadores	dez-15	mar-16	jun-16	set-16	dez-16	mar-17	jun-17	set-17	dez-17
IPCA (%)	5,00	5,45	4,80	4,50	4,50	4,50	4,25	4,08	3,96
IGP-DI (%)	5,00	5,50	5,00	5,00	4,91	4,60	4,50	4,50	4,44
IGP-M (%)	5,00	5,00	5,00	5,00	4,84	4,55	4,50	4,44	4,37
IPC-Fipe (%)	4,90	5,00	4,90	4,50	4,50	4,50	4,50	4,23	4,35
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	4,20	4,20	3,78	3,55	3,50	3,40	3,40	3,30	3,32
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	4,13	4,15	3,75	3,50	3,48	3,36	3,40	3,30	3,31
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	11,00	11,00	10,50	10,00	9,75	8,50	8,25	7,00	6,75
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	11,00	11,44	10,75	10,43	10,00	8,75	8,25	7,00	6,75
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	41,50	46,75	50,70	54,50	55,35	55,00	55,17	55,65	55,65
PIB (% de crescimento)	1,75	1,50	2,00	2,01	2,30	2,50	2,00	2,30	2,68
Produção Industrial (% de crescimento)	2,49	1,83	2,00	2,25	2,10	2,10	2,30	2,40	2,98
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-36,90	-22,85	-25,00	-30,20	-34,00	-36,50	-33,80	-31,00	-28,60
Balança Comercial (US\$ bilhões)	31,50	45,20	45,00	40,00	39,03	41,20	46,00	50,00	52,50
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	60,00	59,00	60,00	65,00	70,00	74,00	75,00	77,50	80,00
Preços Administrados (%)	4,70	5,00	4,70	4,60	4,80	4,55	4,70	4,70	4,90

Fonte: Banco Central

Notas: (1) dados coletados do Relatório Focus no fim de cada mês. (2) Em dezembro/17, o dado foi coletado no dia 22/12. (3) As cores na tabela indicam mudança nas expectativas do mercado, para melhor (verde), para pior (vermelho).

Em suma, os dados mostram que a economia brasileira está em processo de melhora, sendo a sinalização de recuperação bastante gradual nos próximos meses, podendo o PIB crescer entre 2,5% e 3% em 2018, a inflação tendendo a ficar próxima da meta, a Selic podendo permanecer em nível histórico de baixa e os dados do setor externo continuarem positivos. Todavia coloca-se como riscos para a concretização de um cenário favorável no próximo ano, externamente, o ajuste monetário nos países desenvolvidos, sobretudo, com redução da liquidez e, internamente, a não aprovação da Reforma Previdência e a vitória de um candidato não esteja alinhado com a visão do mercado.

COMENTÁRIO ANÁLISE

Estratégia para 2018

O ano de 2018 deve apresentar momentos de maior incerteza relacionados ao cenário político. Não há clareza sobre os potenciais candidatos à presidência como também em relação à votação de projetos importantes. No entanto, no aspecto econômico, existem alguns aspectos mais definidos. A inflação seguirá em patamares baixos, mesma situação verificada para a taxa Selic e o PIB apresentará crescimento.

Dessa forma, vemos que alguns setores se beneficiarão desse cenário. Podemos destacar o setor de consumo, a indústria e alguns segmentos da construção civil.

O setor de consumo deve seguir apresentando bom desempenho devido ao aumento da massa salarial, que está vinculado tanto a melhora do emprego quanto aos salários. Além disso, há um movimento de desalavancagem das famílias acompanhado de um custo de crédito menor.

Na indústria, após um longo período de retração na economia em que as empresas não estavam investindo, observamos uma retomada nas carteiras de pedidos. Apesar das empresas apresentarem ainda capacidade ociosa há uma defasagem de maquinário. Também percebemos uma leve recuperação no segmento automotivo, o que deve beneficiar as empresas deste setor.

Já na construção civil, ainda há uma forte restrição de crédito imobiliário, mas os estoques retomaram os patamares históricos. Acreditamos que aqueles segmentos voltados para a altíssima renda e, principalmente, aqueles beneficiados pelos programas sociais (MCMV), serão os destaques. Os primeiros por não necessitarem de crédito e os segundos por ter acesso a crédito.

Além disso, ações que possuem forte aderência ao Ibovespa continuarão apresentando bons retornos.

Como mencionado anteriormente, as questões políticas poderão trazer volatilidade ao mercado. Para tanto, o investimento não só em boas empresas, como também nessas que estejam baratas e que possuam sólida estrutura de capital, são componentes de uma estratégia eficiente de proteção ao risco.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Análise de 2017 e expectativa para 2018

O ano de 2017 termina com a economia crescendo e com inflação presente controlada e tendendo a ficar dentro do desejado nos próximos períodos, o Banco Central manteve a redução da taxa Selic, levando a taxa para o menor valor de sua história, 7% ao ano, o que tem sido positivo para o desempenho do mercado de capitais, sobretudo, para o mercado acionário ao longo do ano. No entanto, no último trimestre do ano o desempenho foi marginalmente favorável. Isso porque depois da realização de 3,15% de novembro, o mês de dezembro trouxe uma alta importante de 6,16%, para 76.402 pontos. Consolidando esse último mês como o terceiro melhor do ano para a bolsa, ficando atrás apenas de agosto e janeiro. Esse movimento foi ocasionado por expectativas positivas com relação ao ano de 2018 para o Brasil.

Assim, no 4T17, o Ibovespa acumulou, até o último 28 de dezembro, elevação de 2,84% em relação ao terceiro trimestre de 2017 (3T17), registrando no acumulado de 2017 elevação de 26,86% e de 27,80% nos últimos 12 meses, conforme pode ser visto nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Cotação e variação percentual de índices de bolsas de valores selecionadas – 2016/2017

Índices	valores em pontos			variação %	
	2016 (A)	3T17 (B)	4T17 (C)	C/B	C/A
Alemanha – Dax	11.481	12.829	12.980	1,18	13,06
Brasil – Ibovespa	60.227	74.294	76.402	2,84	26,86
China - Shanghai SE Composite	3.104	3.349	3.296	-1,57	6,21
EUA - Dow Jones	19.763	22.405	24.838	10,86	25,68
Japão – Nikkei	19.114	20.356	22.784	11,93	19,20
Reino Unido - FTSE 100	7.143	7.373	7.623	3,39	6,72

Fonte: Bloomberg.

Nota: dados coletados até 28.12.2017

Além disso, vale também destacar que em 2017, no caso dos Índices Amplos, que o Índice Small Caps teve elevação de 49,35%. No caso dos Índices Setoriais, teve ênfase o Índice Consumo (ICON) com alta de 33,10% e o Índice Imobiliário (IMOB) com elevação de 31,90% no ano.

Tabela 2- Ibovespa comparado aos outros índices da BMF&Bovespa

Índices	variação %									
	2012	2013	2014	2015	2016	out-17	nov-17	dez-17	2017	12 meses
Índices Amplos										
IBOVESPA	7,40	-15,50	-2,91	-13,31	38,90	0,02	-3,15	6,16	26,86	27,80
IBRX100	11,55	-3,13	-2,78	-12,41	36,70	-0,13	-3,38	6,35	27,55	28,47
MLCX - Índice Mid-Large Cap	12,09	-2,03	-1,35	-11,68	37,30	-0,05	-3,41	6,22	25,33	26,31
SMALL - Índice Small Caps	28,67	-15,22	-16,95	-22,37	31,70	-1,48	-2,42	7,03	49,35	50,13
IDIV - Dividendos	21,50	-4,24	-18,01	-27,45	60,50	0,29	-6,67	4,94	25,28	26,23
Índices Setoriais										
IEE - Energia Elétrica	-11,72	-8,83	3,47	-8,68	45,60	-3,14	-2,77	2,14	10,04	11,47
INDX - Setor Industrial	26,29	3,23	-4,60	5,26	5,30	0,65	-4,73	6,83	20,13	21,05
ICON - Consumo	40,40	0,76	11,60	-6,68	13,20	-2,56	-3,52	6,81	33,10	34,08
IMOB - Imobiliário	22,43	-26,39	-18,12	-21,36	32,70	-5,56	-1,58	6,17	31,90	32,48
IFNC - Financeiro	15,74	2,94	19,51	-12,42	47,20	-1,51	-3,92	4,37	25,97	27,56
Índices de Sustentabilidade e de Governança										
ISE - Sustentabilidade Empresarial	20,52	1,93	-1,94	-12,90	13,80	0,21	-6,10	4,91	17,40	18,88
IGC - Governança Corporativa	19,03	-2,04	2,32	-11,97	28,90	-0,94	-3,21	5,88	29,91	31,00
ITAG - Ações com Tag Along D.	19,24	-0,56	7,55	-10,72	30,20	-1,21	-3,80	5,31	28,26	29,65

Fonte: Bloomberg e BMF&Bovespa.

Nota: dados coletados até 28.12.2017.

Diante do cenário descrito, observou-se que houve desvalorização do real frente ao dólar na comparação entre o 4T17 e o 3T17. Isso se deve, em especial, ao ambiente político e a não aprovação da reforma da previdência em 2017.

Tabela 3 - Cotação e variação percentual de moedas selecionadas - 2016/2017

Moedas	cotação			variação %	
	2016 (A)	3T17 (B)	4T17 (C)	C/B	C/A
Taxa de câmbio (Real/Dólar)	3,26	3,17	3,31	4,42	1,50
Taxa de câmbio (Real/Euro)	3,43	3,74	3,96	5,99	15,50
Taxa de câmbio (Dólar/Euro)	1,06	1,18	1,20	1,14	13,27
Taxa de câmbio (Real/Libra Esterlina)	4,02	4,24	4,45	5,02	10,86
Taxa de câmbio (Dólar/Libra esterlina)	1,24	1,34	1,35	0,32	8,67
Taxa de câmbio (Iene/Dólar)	117,19	112,61	112,89	0,25	-3,67
Taxa de câmbio (Yuan/Dólar)	6,95	6,65	6,53	-1,79	-5,94

Fonte: Bloomberg.

Nota: dados coletados até 28.12.2017

Diante do quadro, viu-se que os preços das commodities tiveram, em sua maioria, forte elevação no 4T17 na comparação com o 3T17. Na alta, destaque para a alta no preço do petróleo, 16,50% no caso do tipo Brent e 15,19% no do tipo WTI. Na baixa, teve ênfase o recuo de 8,46% no contrato de suco de laranja.

Tabela 4 - Cotação e variação percentual de commodities selecionadas – 2016/2017

Commodities	cotação			variação %	
	2016 (A)	3T17 (B)	4T17 (C)	C/B	C/A
Energia					
Petróleo tipo WTI (US\$/Barril)	56,49	51,95	59,84	15,19	5,93
Petróleo tipo Brent (US\$/Barril)	58,70	56,79	66,16	16,50	12,71
Metálicas					
Alumínio (Londres, US\$/tonelada)	1.693,00	2.102,00	2.284,00	8,66	34,91
Chumbo (Londres, US\$/tonelada)	2.016,50	2.485,00	2.524,00	1,57	25,17
Cobre (Londres, US\$/tonelada)	5.535,50	6.481,00	7.289,00	12,47	31,68
Estanho (Londres, US\$/tonelada)	21.125,00	20.675,00	19.925,00	-3,63	-5,68
Minério de Ferro (US\$/tonelada)	78,87	63,20	69,24	9,56	-12,21
Níquel (Londres, US\$/tonelada)	10.020,00	10.500,00	12.350,00	17,62	23,25
Zinco (Londres, US\$/tonelada)	2.576,00	3.162,00	3.305,00	4,52	28,30
Agrícolas					
Açúcar (NYMEX, US\$/lb)	18,85	14,10	15,00	6,38	-20,42
Algodão (NY CSCE, nº 2 cent, Cents/Libra)	71,38	68,45	78,80	15,12	10,40
Milho (Chicago CBOT, Cents US\$/Bushel)	364,25	355,25	352,00	-0,91	-3,36
Óleo de Soja (Chicago, Cents US\$/lb)	35,13	32,82	32,71	-0,34	-6,89
Farelo de Soja (Chicago, US\$/Tonelada)	322,00	315,80	316,10	0,09	-1,83
Soja (Chicago CBOT, Cents US\$/Bushel)	1.019,00	978,50	956,75	-2,22	-6,11
Suco de Laranja (NY, Cents/Libra-Peso)	189,95	148,40	135,85	-8,46	-28,48
Trigo (Chicago, Cents US\$/bushel 60 lb)	434,25	448,25	427,75	-4,57	-1,50

Fonte: Bloomberg.

Nota: dados coletados até 28.12.2017

Em relação ao futuro, as projeções apontam para um crescimento da economia mundial próxima dos 4% e da economia brasileira entre 2% e 3%. E com essa recuperação da atividade e com o forte recuo da taxa de juros promovido pelo Banco Central aumentam as chances do mercado de ações continuar com performance positiva em 2018. No entanto, na visão do mercado financeiro, coloca-se como riscos para a concretização de um cenário favorável no próximo ano, externamente, o ajuste monetário nos países desenvolvidos, sobretudo, com redução da liquidez e, internamente, a não aprovação da Reforma Previdência e a vitória de um candidato que não esteja alinhado com a visão do mercado.

Atenciosamente,
Equipe de Gestão

GESTOR

Geral Investimentos Gestão de Recursos
www.geralinvestimentos.com.br
Fone: (51)3213.2727

ADMINISTRADOR/DISTRIBUIDOR

BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S/A
(CNPJ: 02.201.501/0001-61)
Endereço: Av. Presidente Wilson, 231—
11º andar Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20.030-905
Fones: (21) 3219-2998 / Fax (21) 3974-4501
SAC: "Fale Conosco" em www.bnymellon.com.br/sf
(21) 3974-4600, (11) 3050-8010,
0800 725 3219
ouvidoria@bnymellon.com.br

INFORMAÇÕES

gestao@geralinvestimentos.com.br

CUSTODIANTE

Banco Bradesco S.A.

AUDITORIA

Deloitte

DISTRIBUIDOR

Geral Investimentos
www.geralinvestimentos.com.br
(51) 3213-2727

OUVIDORIA

Fone: 0800 7742006

CONTA CORRENTE DO FUNDO

Cientes Geral Investimentos

Favorecido: Corretora Geral de Valores e Câmbio
CNPJ: 92.858.380/0001-18
Banco: BM&F Bovespa — 096
Ag.: 0001 C/C: 446-6

Cientes BNY Mellon

Favorecido: Geral Asset Long Term Fia
CNPJ: 04.163.555/0001-05
Banco: Bradesco – 237
Ag.: 2856
C/C: 616.527-3

Este material é fornecido ao seu destinatário com a finalidade exclusiva de apresentar informações, não se constituindo numa oferta de venda ou uma solicitação para compra de ações. A Geral Investimentos—Gestão de Recursos não integra o sistema de distribuição de valores. A distribuição dos produtos geridos pela empresa são realizadas pela Geral Investimentos e seus prepostos. Os fundos de ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Investir em ações é recomendo a clientes com perfil arrojado. Mudanças no cenário econômico podem acarretar oscilações nos preços das ações afetando seu desempenho. O prazo recomendado para este investimento é de longo prazo. Produto destinado ao varejo.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é obrigatória a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A taxa de administração exposta acima é a taxa mínima, tendo em vista que o fundo admite aplicações em cotas de outros fundos de investimento, fica instituída a taxa de administração máxima de 3% ao ano sobre o valor do patrimônio líquido. As rentabilidades divulgadas não são líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos – FGC. Em atendimento à Instrução CVM nº 465, desde 02/05/2008, os fundos de renda variável deixaram de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passou a fazê-lo com base na cotação de fechamento. Assim comparações de rentabilidade devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média dos índices de ações e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento.